



Concurso realizado no âmbito das comemorações dos 50 anos da instituição do Provedor de Justiça em Portugal, em parceria com a Comissão Nacional da UNESCO e a sua Rede de Escolas Associadas.

“O FUTURO DOS DIREITOS É AGORA”

No âmbito das comemorações dos 50 anos da instituição do Provedor de Justiça em Portugal, e assinalando o Dia Internacional da Educação, a Provedoria de Justiça, em parceria com a Comissão Nacional da UNESCO e a sua Rede de Escolas Associadas, lançou em 24 de janeiro o concurso “O Futuro dos Direitos é Agora”.

Com esta ação pretendeu-se conhecer e acolher na Provedoria, numa linguagem artística, exemplos da visão dos mais novos sobre os direitos humanos, e ao mesmo tempo contribuir para a reafirmação da sua importância, e da contínua atenção e reflexão que reclamam.

Num tempo em que os direitos humanos enfrentam desafios globais, esta iniciativa procurou sublinhar a importância de valores como a igualdade, a justiça e a solidariedade, promovendo o debate e a criatividade nas escolas e nas suas comunidades.

Os participantes foram convidados a olhar para o presente e o futuro dos direitos humanos, traduzindo as suas ideias em obras originais e inéditas nos mais diversos formatos de expressão artística – do desenho à pintura, da fotografia ao vídeo ou à escrita.

Saudamos com o maior apreço todas as crianças e jovens entre os 6 e os 18 anos de idade que participaram neste concurso. A qualidade dos trabalhos apresentados, a sensibilidade das mensagens transmitidas e a visão crítica e construtiva que espelham são motivo de júbilo e de esperança. Mais do que uma mostra artística, esta exposição é um testemunho do olhar atento, crítico e esperançoso das novas gerações sobre o mundo que partilhamos e sobre o futuro mais justo, inclusivo e solidário a construir. Com um total de 123 candidaturas recebidas, o conjunto das obras submetidas a concurso é agora apresentado ao público na sede do Provedor de Justiça, no Palácio de Vilalva.

Um especial agradecimento ao júri do concurso “O Futuro dos Direitos é Agora”, **Alexandre Farto – Vhils** (Artista); **Fátima Claudino** (Comissão Nacional da UNESCO); **Luísa Neto** (Presidente do INA, I.P.); **Miguel Feldmann** (Provedoria de Justiça – Mecanismo Nacional de Prevenção), pela generosa dedicação, apoio, rigor e sensibilidade.

Escalão A

- _1 Carta sobre os direitos
- _2 Nas lágrimas e nos sorrisos
- _3 O futuro dos direitos é agora
- _4 Juntos somos mais fortes
- _5 Direito à alimentação
- _6 Direito à nacionalidade
- _7 Direito ao nome
- _8 Direito à religião
- _9 A liberdade da igualdade
- _10 Pelo mundo (e)migrando, (i)migrando
- _11 A menina educada
- _12 A menina Leyla
- _13 O Direito à escola
- _14 Ajudar, paz e amor
- _15 Todos juntos somos iguais
- _16 Sem título
- _17 Somos todos iguais
- _18 Todos somos Mundo!
- _19 Igualdade na diferença
- _20 Todos nós temos Direitos!
- _21 Todas as crianças têm direito a ter um nome
- _22 Juntos, pelos Direitos de todos
- _23 O Direito ao Amor
- _24 Direito à Família
- _25 Um mundo melhor para cada criança
- _26 Direitos das Crianças
- _27 Todos iguais

- _28 O futuro dos direitos é o Amor!
- _29 Mais tolerância porque neste planeta há espaço para todos!
- _30 Juntos somos mais fortes!
- _31 De mãos unidas pelos Direitos Universais
- _32 Os direitos das crianças
- _33 A Rita está a ler
- _34 Medo...
- _35 Os direitos de todos nós
- _36 O super-herói dos Direitos Humanos
- _37 O que pesa mais são os direitos universais
- _38 Todos diferentes, tod7os iguais
- _39 A Família
- _40 Direito ao respeito
- _41 Contra o Racismo
- _42 Unidos pelos Direitos
- _43 A arte de saber repousar
- _44 A dança dos Direitos
- _45 Os Direitos das crianças
- _46 Somos livres
- _47 O direito de poder ir à escola
- _48 Todos os seres humanos têm direito à instrução
- _49 Somos iguais
- _50 Todos juntos somos melhores
- _51 Os direitos das crianças
- _52 Liberdade
- _53 Todos iguais

- _54** *O Sonho da Sofia*
- _55** *Sem título*
- _56** *Os direitos das crianças*
- _57** *Vida: amor infinito*
- _58** *Os direitos Humanos e a Paz*
- _59** *O Direito de Brincar*
- _60** *Liberdade, Paz, Justiça*
- _61** *Todos os seres humanos nascem livres*
- _62** *Família*
- _63** *Direitos Humanos*
- _64** *O Futuro dos Direitos é Agora*
- _65** *As Árvores são como os Homens: um tronco, muitos ramos, Um Homem muitos Direitos*

Escalão B

- _66** *THE GIRL WHO TURNED PAIN INTO POWER*
- _67** *Stronger together*
- _68** *Desejo por um lar*
- _69** *O que nem sempre se vê*
- _70** *Liberdade, Igualdade e Dignidade*
- _71** *Direito ao nível de vida adequado*
- _72** *Direito à diversão*
- _73** *Uma Família Unida*
- _74** *Artigo n.º 19: Direito à leitura*
- _75** *Artigo n.º 10: Direito ao julgamento*
- _76** *Sonho*
- _77** *Além das Regras*
- _78** *Igualdade perante a lei*
- _79** *Eu Quero Voar*
- _80** *Artigo n.º 2: não discriminar*
- _81** *Todos têm direito à educação*
- _82** *Direito à diversão*
- _83** *Somos todos iguais*
- _84** *Eu quero ir para a Escola*
- _85** *IGUALDADE*
- _86** *A Chave para o Futuro*
- _87** *Convenção sobre os Direitos da Criança*
- _88** *Os Direitos estão nas Nossas Mãos*
- _89** *Direitos Humanos*
- _90** *O futuro começa hoje*
- _91** *Culturas, Religiões e Direitos. Agora!*
- _92** *A luta pela igualdade*

- _93** *A casa de todos*
- _94** *Vendido à censura*
- _95** *Missão salvar o mundo*
- _96** *Sê a luz na escuridão*
- _97** *Os direitos na mão*
- _98** *A paz do mundo*
- _99** *O futuro dos direitos é agora?*
- _100** *A balança da igualdade*
- _101** *Direito à cidadania*
- _102** *Direito à liberdade de expressão*
- _103** *O Direito à Diversão*
- _104** *Respeito e orgulho pela Humanidade*
- _105** *We have a dream*
- _106** *A Força dos Direitos*
- _107** *Direito à Educação*
- _108** *Direitos – Uma aventura*

Escalão C

- _109** *Fios condutores da nossa vida*
- _110** *A loucura da coragem*
- _111** *O peso da (Des)humanidade*
- _112** *A voz livre dos jovens*
- _113** *O lazer também é importante*
- _114** *Onde arde o grito*
- _115** *A beleza está nos olhos de quem vê*
- _116** *A dignidade é de todos*
- _117** *Sombras da revolta*
- _118** *Nem dor, nem silêncio*
- _119** *Artigo 3 em ação*
- _120** *Uma vida justa e sem medos*
- _121** *Um só mundo, vários*
- _122** *Direitos Educação é um Direito*
- _123** *Silêncio de mil vozes: sem voz; sem paz*



(dos 6 aos 10 anos)

1.º lugar

Torres Novas, 13 de maio de 2025

Cara Directora Cristina,

como aluno do Jardim-escola João de Deus, venho desta forma reivindicar os meus direitos como criança.

- 1.º Tenho direito à vida, e que bela vida que eu tenho;
- 2.º Tenho direito a estar nesta sala de aula a aprender, e a cumprir também o meu papel de estar atento;
- 3.º Tenho direito a ser alimentado, com as belas comidas das cozinheiras;
- 4.º Tenho direito nos intervalos a brincar com os meus amigos, sendo protegido pelas auxiliares para que tudo corra bem;
- 5.º Tenho direito a dar a minha opinião, e a ser ouvido, mesmo que não concordem com ela, e sem ser discriminado;
- 6.º Tenho direito a ir ao médico, para cuidar da minha saúde, mesmo que para isso, seja necessário faltar à escola;
- 7.º Tenho direito a depois de um dia de escola, ir para junto da minha família, na nossa casa, porque todas as crianças deveriam ter direito a ter um lar,
- 8.º E por fim tenho direito a ter um nome, que é a minha identidade e a ter documentos que comprovem a minha nacionalidade.

Peço que cumpram a vossa parte que eu cumprirei a minha.

Despeço-me com saudade que vou ter.

Torres Novas, 13 de maio de 2025

Cara Directora Cristina,

como aluno do Jardim-Escola João de Deus, venho desta forma reivindicar os meus direitos como criança.

- 1.º Tenho direito à vida, e que bela vida que eu tenho;
 - 2.º Tenho direito a estar nesta sala de aula a aprender, e a cumprir também o meu papel de estar atento;
 - 3.º Tenho direito a ser alimentado, com as belas comidas das cozinheiras;
 - 4.º Tenho direito nos intervalos a brincar livremente com os meus amigos, sendo protegido pelas auxiliares para que tudo corra bem;
 - 5.º Tenho direito a dar a minha opinião, e a ser ouvido, mesmo que não concordem com ela, e sem ser discriminado;
 - 6.º Tenho direito a ir ao médico, para cuidar da minha saúde, mesmo que para isso, seja necessário faltar à escola;
 - 7.º Tenho direito a depois de um dia de escola, ir para junto da minha família, na nossa casa - porque todas as crianças deveriam ter direito a ter um lar;
 - 8.º E por fim tenho direito a ter um nome, que é a minha identidade e a ter documentos que comprovem a minha nacionalidade.
- Peço que cumpram a vossa parte que eu cumprirei a minha.
- Despeço-me com saudade que vou ter.

Carta sobre os direitos

José Guilherme Ruivo

JEJD Torres Novas, Santarém
(categoria escrita criativa)



2.º lugar

Nas lágrimas e nos sorrisos

Obra Coletiva (várias turmas)

JEJD Albarraque, Lisboa
(categoria desenho)

3.º lugar



O futuro dos direitos é agora

Margarida Rodrigues; Ísis Sofia Fonseca; Rebeca Marques; Victor Santos ; Pedro Ramalho; Diana Azenha; Benjamim Delgado ; Diego Mendes; Íris Fonseca; Gonçalo Carraco

JEJD Figueira da Foz, Coimbra
(categoria pintura)



Juntos somos mais fortes

Obra Coletiva

JEJD Castelo Branco, Castelo Branco (categoria escultura)



Direito à nacionalidade

Tiago Rodrigues e Miguel Carneiro

JEJD Braga, Braga (categoria desenho)



Direito à alimentação

Rafael Silvestre e Vasco Lopes

JEJD Braga, Braga (categoria desenho)



Direito ao nome

Constança Mota e Matilde Pinto

JEJD Braga, Braga (categoria desenho)



Direito à religião

Bruno Macau e Lara Moreira

JEJD Braga, Braga
(categoria desenho)



Pelo mundo (e)migrando, (i)migrando

Olívia Queirós; Miguel Teixeira;
Francisco Ribeiro; Henrique
Mariano; Jeanne Salvado;
Luma Ferreira; Eva Ferreira;
Edgar Generalow

JEJD Estrela, Lisboa
(categoria fotografia)



A liberdade da igualdade

Maria Francisca Pinto; Maria Inês
Lopes; Paulo Pacheco; Vasco
Henriques; Manuel Gonçalves;
Inês Martins; Francisco Luís;
Bernardo Minhota

JEJD Estrela, Lisboa
(categoria desenho)



A menina educada

Ema Camarão

JEJD Torres Vedras, Lisboa
(categoria desenho)

No coração de África existia um pequeno orfanato, onde vivia a doce menina Leyla. Esta menina era de pele negra, tinha olhos vibrantes e uns lindos caracóis! A Leyla, com 7 anos, foi adotada por um casal jovem oriundo do Reino Unido, que a levou para viver em Londres.

A adaptação não foi fácil - chorava todos os dias, com saudades dos amigos que deixara no orfanato. A mãe reconfortava-a com um forte abraço sempre que a Leyla se sentia triste.

Ao verem, dia após dia, que a menina estava cada vez mais cabisbaixa, os pais decidiram organizar uma festa para que a Leyla conhecesse a restante família. Numa conversa entre a tia e a prima mais velha, Leyla ouviu falar de algo mágico: em breve haveria uma chuva de estrelas cadentes! A menina ficou entusiasmada, pois nunca tinha assistido a um fenómeno assim.

No primeiro dia de aulas, a professora anunciou a nova aluna à turma.

– Meninos, esta é a vossa nova colega, a Leyla! Podes sentar-te ali, ao lado da Megan! – disse com um sorriso.

No intervalo, porém, os colegas começaram a provocá-la com palavras muito feias:

– Tu és angolana?! Não és da nossa terra!

– És negra?! Tens cabelo de esfregona?! Nem sabes falar inglês!

Leyla sentiu-se ainda mais triste e desapontada. Só o carinho dos pais adotivos, ao chegar a casa, lhe dava algum consolo. Nessa noite, aconteceu finalmente a tão esperada chuva de estrelas. Leyla, com os olhos brilhantes voltados para o céu, fez um pedido em silêncio:

– Quem me dera ser como os meus colegas da escola... branca. Só assim vou ganhar respeito e a amizade deles...

No dia seguinte, a professora, que já desconfiava do que se passava, levou um espelho para a sala de aula e propôs uma atividade especial.

– Hoje, cada um vai dizer uma coisa bonita sobre si próprio... e depois algo bonito sobre o colega do lado.

Quando chegou a vez da Leyla, ela disse, em voz baixa:

– Eu gosto dos meus olhos brilhantes... e gosto dos meus caracóis.

A Megan, que se sentava ao seu lado, olhou para ela e respondeu:

– Eu gosto do teu sorriso. E acho o teu cabelo super bonito, parece uma coroa de rainha!

Todos os colegas começaram a rir com carinho e a olhar uns para os outros de forma diferente. A professora aproveitou para falar sobre os direitos das crianças: explicou que todas têm direito ao amor, ao respeito, e a serem aceites tal como são independentemente da sua cor de pele, origem ou língua. Naquela noite, Leyla voltou a olhar para o céu. As estrelas ainda brilhavam, mas dessa vez o seu desejo foi outro:

– Quem me dera que todas as crianças do mundo soubessem o quão especiais são... exatamente como são!

E, pela primeira vez desde que chegaram a Londres, Leyla adormeceu com um sorriso tranquilo no rosto.

A menina Leyla

Carminho de Almeida Ribeiro

JEJD Torres Novas, Santarém
(categoria escrita criativa)



O Direito à escola

Vicente Figueira

JEJD Torres Vedras, Lisboa
(categoria desenho)



Todos juntos somos iguais

Mia Neto

JEJD Torres Vedras, Lisboa
(categoria desenho)



Ajudar, paz e amor

Luana Vinhas

JEJD Torres Vedras, Lisboa
(categoria desenho)



Sem título

Francisca Sérgio

JEJD Torres Vedras, Lisboa
(categoria pintura)



Somos todos iguais

Luís Brizida

JEJD Torres Vedras, Lisboa
(categoria desenho)



Igualdade na diferença

Alice Alves

JEJD Torres Vedras, Lisboa
(categoria desenho)



Todos somos Mundo!

Anita Henriques

JEJD Torres Vedras, Lisboa
(categoria desenho)



Todos nós temos Direitos!

Obra Coletiva (4.º Ano A)

JEJD Coimbra, Coimbra
(categoria desenho)

Era uma vez, um menino que não tinha nome porque nunca ninguém lhe tido dado um nome, por isso todos lhe chamavam menino sem nome!

O menino sem nome não era muito feliz porque todos à sua volta tinham um nome, até as flores e as árvores.

No seu primeiro dia de escola todos acharam muito estranho ele não ter um nome, quando lhe perguntavam o seu nome o menino ficava ainda mais triste e por vezes até lhe caía uma lágrima.

Uma menina da sua turma, a Matilde que não gostava de ver ninguém triste, tentou de tudo para arrancar um sorriso ao menino: Contou anedotas, fez palhaçadas e até cócegas, mas nada fazia o menino sorrir. Mas, a Matilde não ia desistir assim tão facilmente, por isso foi falar com a professora. A professora explicou à Matilde que todas as crianças têm direito a ter um nome, e talvez por isso o menino fosse tão infeliz. A Matilde teve lofo uma grande ideia: Fazer um votação na turma para escolher um nome para o menino, e a professora sugeriu fazerem-lhe uma festa surpresa para lhe contarem a novidade.

A Matilde, a professora e os colegas da turma preparam tudo com muito amor e carinho.

Assim, numa bela manhã, quando o menino sem nome chegou à escola, teve uma grande surpresa, à entrada da sala havia uma faixa que tinha escrito: “BEM VINDO MENINO ZÉ”. No início, o agora menino Zé ficou um pouco confuso, mas depois de a Matilde lhe explicar tudo, o Zé esboçou um grande sorriso e caíram-lhe lágrimas, agora de felicidade.

Todas as crianças têm direito a ter um nome

Ema Faria

JEJD Torres Novas, Santarém
(categoria escrita criativa)



Juntos, pelos Direitos de todos

Vicente Saavedra

JEJD Gaia, Porto
(categoria desenho)



O Direito ao Amor

Alice Simões

JEJD Gaia, Porto
(categoria desenho)



Direito à Família

Catarina Rocha

JEJD Gaia, Porto
(categoria desenho)



Direitos das Crianças

Sofia Teixeira

JEJD Gaia, Porto
(categoria desenho)



Um mundo melhor para cada criança

Antonio Teixeira

JEJD Gaia, Porto
(categoria desenho)



Todos iguais

Manuel Campos

JEJD Gaia, Porto
(categoria desenho)



O futuro dos direitos é o Amor!

Margarida Pinto

JEJD Gaia, Porto
(categoria desenho)



Juntos somos mais fortes!

Maria Carminho Godinho

JEJD Gaia, Porto
(categoria desenho)



Mais tolerância porque neste planeta há espaço para todos!

Gabriela Cardoso

JEJD Gaia, Porto
(categoria desenho)



De mãos unidas pelos Direitos Universais

Maria Paulino; António Simões;
Marta Castro; Leonor Coelho;
Tiago Silva; João Pinto; Afonso
Campos; Santiago Rocha

JEJD Gaia, Porto
(categoria fotografia)



Os direitos das crianças

Martim Domingos

JEJD Torres Vedras, Lisboa
(categoria desenho)

Tenho medo!
Medo de não conseguir
ser capaz de agir
e colocar o planeta
de pés no chão
porque o vejo na imensidão
completamente ao contrário.

Na escola aprendi
que o presente
pode já nem estar aqui
e que o futuro
pode estar já ali
à distância de um segundo.

E aprendi que hoje de manhã
afinal já não é hoje
e que poderemos, no fundo,
ter perdido tempo
para salvaguardar no mundo
os direitos que nos assistem
porque a eles resistem
aqueles que através do vento
soltam palavras de ódio
e que se sentem
como vencedores
no topo de um pódio!

Tenho medo...
E gostava que, um dia,
a coragem me invadissem
e que bom que seria
poder gritar bem alto
para que cada um sentisse
que são as nossas diferenças
que nos fazem dar um salto,
tornando-nos únicos,
sendo especiais,
com todos os Direitos
a que chamamos Universais!



A Rita está a ler

Tomás Gomes

JEJD Torres Vedras, Lisboa
(categoria desenho)

Medo...

Matilde Dias e Tomás Abreu

JEJD Gaia, Porto
(categoria escrita criativa)



Os direitos de todos nós

Obra Coletiva (2.º ano A)

JEJD Estrela, Lisboa
(categoria escrita criativa)

Toda a criança tem um direito,
A viver feliz, com muito respeito.
A vida é um bem precioso,
E é por isso que é valioso.

Direito à escola, a aprender,
A crescer e a se desenvolver.
Com livros e brincadeiras,
A infância é nossa bandeira!

Ninguém deve ser maltratado,
O respeito deve ser espalhado.
Seja branco, negro ou amarelo,
O que importa é ser um bom modelo.

Todos têm o direito de falar,
De sonhar, de querer, de lutar.
Cada um com a sua opinião,
Vivemos juntos, de mão dada,
na mesma canção.

Então vamos cuidar, com muito amor,
Dos direitos de todos, de cada flor.
Pois um mundo feliz é aquele que nos ensina,
Que todos temos o direito de ser criança
e de brilhar, com a nossa luz interior.

O super-herói dos Direitos Humanos

Maria da Luz Cortes; Maria
Viktória Correia; Maria do Carmo
Loureiro; Maria Leonor Frade;
Maria Rosa Cordeiro; Henrique
Sousa Dias; Sebastião Cardoso;
Maria Luísa Grilo; Maria Luísa
Bento; Maria Madalena Tinoco

JEJD Estrela, Lisboa
(categoria desenho)



O que pesa mais são os direitos universais

Salvador Lima

JEJD Gaia, Porto
(categoria desenho)



***Todos diferentes,
todos iguais***

Sofia Sousa; Clara do Carmo;
Lourenço Cabrita; David
Pietrowski; Artur Caldare;
Lourenço Ferreira; Artur Alves;
Laura Henriques; Carolina
Guerreiro; Heidi Alves

JEJD São Bartolomeu
de Messines, Faro
(categoria desenho/colagem)

O respeito é um valor essencial para a convivência em sociedade.

Todas as pessoas, independentemente da sua nacionalidade, sexo, religião ou condição social, têm o direito de serem respeitadas.

Saber respeitar as diferenças é fundamental para conseguirmos ter um mundo mais justo.

As pessoas não são todas iguais, não têm todas os mesmos gostos e aceitar essas diferenças permite o nosso crescimento e fortalece as nossas relações. Eu não sinto este direito a ser respeitado quando utilizam o meu nome e o de um amigo meu para criarem histórias de namorados ou para gozarem connosco a dizerem que somos namorados, só porque somos muito amigos e gostamos muito da companhia um do outro. Este meu amigo, sabe-me respeitar e dá-me o espaço que eu preciso.

Este direito é garantido pela Constituição e pelos princípios dos direitos humanos, que reconhecem a dignidade de cada pessoa, mas infelizmente ainda existe no mundo muita discriminação e intolerância para com as diferenças.

Respeitar as diferenças é um ato de responsabilidade e amor e valorizar as diferenças é importante!



A Família

Caetana Marouço

JEJD Torres Novas, Santarém
(categoria desenho)

Direito ao respeito

Matilde Rodrigues

JEJD Torres Novas, Santarém
(categoria escrita criativa)



Contra o Racismo

Bernardo Neves

JEJD Gaia, Porto
(categoria desenho)



A arte de saber repousar

Raquel Pereira; Frederico Nunes; Luísa Horta; Maria Afeiteira; Vitória Carlotto; Vicente Nobre; Miguel Grilo

JEJD Ponte de Sor, Portalegre
(categoria desenho/colagem)



Unidos pelos Direitos

Francisco Ferreira; Mafalda Limas; Teresa Fernandes; Francisco Pisco; João Cristo; Filipe Zhang; Camila Brandão; Alice Reis; Carlota Lopes; Guilherme Silva

JEJD Belas, Lisboa
(categoria desenho/escultura)



A dança dos Direitos

José Simões; Leonor Pinto; Guilherme Serrano; Diogo Tapadas; António Tomás

JEJD Ponte de Sor, Portalegre
(categoria desenho)



Os Direitos das crianças

Sofia Silva; Vicente Simão;
Francisco Cardoso; Gabriel
Carvalho; Bernardo Lemos;
Iris Rodrigues; Rafael Balsas;
Simão Vale; Afonso Varino

JEJD Alhadas, Coimbra
(categoria desenho)

Num dos pobres países existentes no mundo, havia uma menina chamada Eva em que os pais tinham muitas dificuldades financeiras.

Não havendo assim a possibilidade de ir à escola e ter de ajudar a mãe a cuidar dos irmãos mais novos, tornando-se assim analfabeta, mas depois de alguns meses os pais esforçaram-se mais e tiveram melhores condições financeiras podendo assim pôr a Eva na escola para ela aprender a ler e a escrever e a estudar e ter amigos tornando-se assim uma criança muito alegre.

O direito de ir à escola é muito importante.



Somos livres

Beatriz Bandeira

JEJD Penafiel, Braga
(categoria desenho)

O direito de poder ir à escola

Bianca Simões

JEJD Torres Novas, Santarém
(categoria escrita criativa)



Todos os seres humanos têm direito à instrução

Clara Tato; Francisco Costa;
Maria Helena Moreira; Oliver Gouveia

JEJD Estrela, Lisboa
(categoria desenho)



Todos juntos somos melhores

Maria João Preto

JEJD Penafiel, Braga
(categoria desenho)



Somos iguais

Diana Menyaylenko

JEJD Penafiel, Braga
(categoria desenho)



Os direitos das crianças

Guilherme Martins

JEJD Torres Novas, Santarém
(categoria desenho)



Liberdade

Lourenço Sobreira Borges

Agrupamento de Escolas Frei
Gonçalo Azevedo EB 1, Lisboa
(categoria desenho/colagens)



Todos iguais

William Correia Monteiro

Agrupamento de Escolas Frei
Gonçalo Azevedo EB 1, Lisboa
(categoria desenho)

A Sofia e o Miguel eram melhores amigos e passavam a maior parte do tempo juntos. Eles moravam numa aldeia simples, mas arranjavam sempre maneira de se divertirem.

A Sofia tem 10 anos, adora desenhar, brincar às escondidas e contar histórias. Mas, ao contrário do Miguel, ela não tinha tudo o que queria e, mais importante, não tinha todos os direitos como as outras crianças.

Um dia, enquanto brincavam no parque, o Miguel reparou que a Sofia estava mais quieta do que o normal:

– O que aconteceu, Sofia? Estás triste?

A Sofia respirou fundo e olhou para o chão:

– Não é que eu esteja triste, Miguel... Mas, sabes como é, eu não posso ir à escola como tu... A minha mãe não tem dinheiro para comprar o material escolar e os livros são muito caros. Às vezes, nem temos comida para jantar!

O Miguel ficou chocado:

– Mas, Sofia, isso não é justo! Tu tens todo o direito de estudar, de aprender como eu. Nós temos direito à educação, à saúde, a ser bem tratados! Isso está escrito nos direitos das crianças que a professora Filipa nos ensinou.

A Sofia abanou a cabeça, triste:

– Eu sei, Miguel... Mas a minha mãe diz que não consegue mesmo pagar.

E quando vou ao centro de saúde, a fila é tão longa que nunca consigo ser atendida.

O Miguel pensou por um momento e teve uma ideia:

– Eu vou contar isso à professora Filipa. De certeza que podemos fazer alguma coisa para te ajudar e também ajudar outras crianças que passam pelo mesmo que tu!

No dia seguinte, o Miguel falou com a professora sobre a situação da Sofia. Ela ficou muito preocupada e explicou que, apesar de o direito à educação e à saúde serem garantidos por lei, muitas vezes, as condições de vida dificultam o acesso desses direitos para algumas crianças.

Juntos, a professora e a turma do Miguel começaram a elaborar um projeto para ajudar crianças como a Sofia. Eles organizaram uma doação de livros e roupas, além de levarem também alimentos para as famílias que mais precisavam.

Mas o mais importante foi que começaram a conversar sobre os direitos das crianças nas escolas e nas aldeias, explicando a toda a gente que cada criança tem o direito de ser bem cuidada, de estudar e de viver com dignidade.

A Sofia, graças à atitude do Miguel e dos seus amigos, finalmente conseguiu ir à escola com uma mochila nova, alguns livros para estudar, teve alimentos para comer e conseguiu uma consulta no centro de saúde.

A partir daquele dia a Sofia passou a ter uma vida normal como todas as crianças devem ter, graças à ajuda do Miguel e da sua turma.

O Sonho da Sofia

Inês Louro

JEJD Torres Novas, Santarém
(categoria escrita criativa)



Sem título

Maria da Luz Levy; Antero Silva;
Maria Queiros; Luísa Freitas;
Tomás Ricardo; Maria Clara
Santos

JEJD Estrela, Lisboa
(categoria vídeo)



Os direitos das crianças

António Junqueiro

JEJD Torres Novas, Santarém
(categoria desenho)



Vida: amor infinito

Simão Santos; Gabrielle Bressan; Bianca Oliveira; Luan Gonçalves; Margarida Esteves; Gabriela Paixão

JEJD Ponte de Sor, Portalegre (categoria desenho/colagem)

Todas as crianças têm o direito de brincar. Este direito está escrito numa lei muito importante que se chama Convenção dos Direitos da Criança.

Quando brincamos, trabalhamos o corpo e a mente.

É tão importante como comer e dormir bem. Por isso, é dever dos adultos garantir que todas as crianças têm tempo e espaço para brincar em segurança.

Porém nem todas as crianças têm brinquedos ou um lugar seguro para brincar. Algumas não conseguem brincar como gostariam. Por isso, devemos ser solidários e ajudar essas crianças, para que todas possam ter momentos de alegria e diversão.

Nunca se esqueçam: Brincar não é só diversão é também um Direito!!!



Os direitos Humanos e a Paz

Alicia Celestino de Oliveira

Agrupamento de Escolas Frei Gonçalo Azevedo EB 1, Lisboa (categoria desenho)

O Direito de Brincar

Camila Correia

JEJD Torres Novas, Santarém (categoria escrita criativa)



Liberdade, Paz, Justiça

Simão Ferraz
JEJD Penafiel, Braga
(categoria desenho)



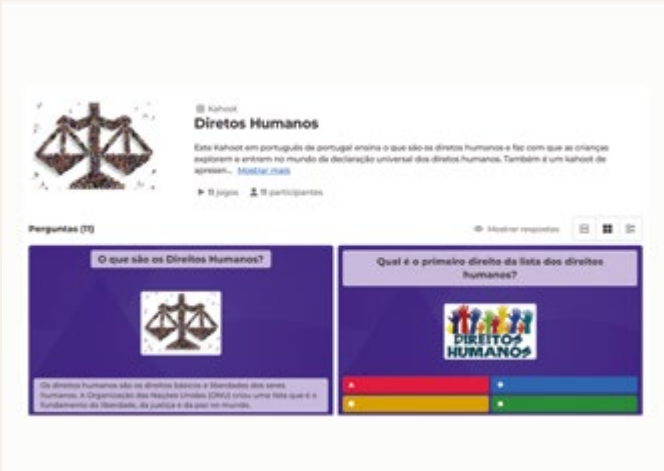
Família

Carlota Rodrigues
JEJD Torres Novas, Santarém
(categoria desenho)



Todos os seres humanos nascem livres

Carolina Maria Foz Mota
Agrupamento de Escolas Frei
Gonçalo Azevedo EB 1, Lisboa
(categoria desenho)



Direitos Humanos

Tiago Miguel Ribeiro Campos
Agrupamento de Escolas Frei
Gonçalo Azevedo EB 1, Lisboa
(categoria jogo)



***O Futuro dos Direitos
é Agora***

Maria Helena Ferreira

Agrupamento de Escolas Frei
Gonçalo Azevedo EB 1, Lisboa
(categoria desenho)



***As Árvores são como
os Homens: um tronco,
muitos ramos, Um Homem
muitos Direitos***

Miguel M. Magalhães de Sousa
Bemposta

Agrupamento de Escolas Frei
Gonçalo Azevedo EB 1, Lisboa
(categoria desenho/colagens)



B

(dos 11 aos 15 anos)



1.º lugar

***THE GIRL WHO TURNED
PAIN INTO POWER***

Maria Julia Gonsalves Crecencio

Colégio da Polícia Militar
do Paraná Cel. PM. Felipe
de Sousa Miranda, Brasil
(categoria vídeo)





2.º lugar

Stronger together

Iris Campos e Madalena Rocha

CED D, Maria Pia, Casa Pia de Lisboa, Lisboa
(categoria desenho/pintura)

3.º lugar



Desejo por um lar

Joaquim Yglesias Andrade Rezette

Colégio João Paulo II, Braga
(categoria fotografia)



O que nem sempre se vê

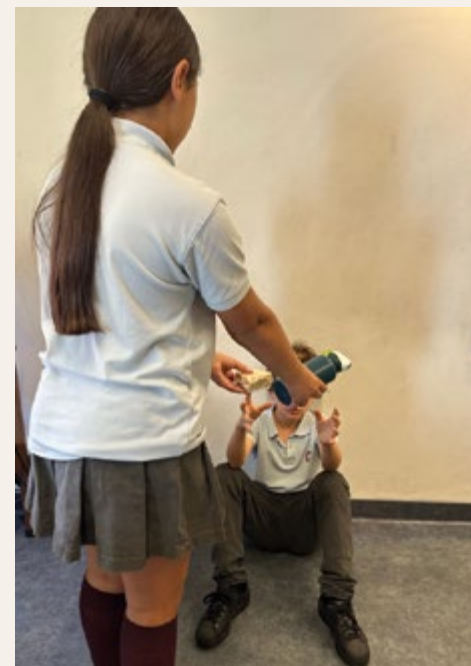
Albine-Naly Jocelyne Liane
Vetsmany

ES São Sebastião e Silva, Lisboa
(categoria desenho)

Direito ao nível de vida adequado

Maria Marlene Lopes Morgado
e Daniel de Jesus Oliveira

Colégio João Paulo II, Braga
(categoria fotografia)



Liberdade, Igualdade e Dignidade

Leonor Henriques Barosa
Marques; Luisa Singh Angeloti;
Maria Carolina Geirinhas Pereira
de Infante; Maria Xará Costa
da Graça Reis; Evvellyn Fraga
Pereira; Leonor Carvalheiro da
Silva Pratas; Valentina Franco
Iannicelli; Yago de Paiva Jardim
Brandão

JEJD Belas, Lisboa
(categoria desenho)

Direito à diversão

Mara Rafaela Fernandes Soares
e Victória Carvalho de Jesus

Colégio João Paulo II, Braga
(categoria fotografia)





Uma Família Unida

Mariana de Fátima Paulo
Godinho

EB e Integrada Francisco
Ferreira Drummond, Açores
(categoria desenho)

**Artigo n.º 10: Direito
ao julgamento**

Gerardo Alessandri e Gonçalo
Sanches da Costa

Colégio João Paulo II, Braga
(categoria desenho)



**Artigo n.º 19: Direito
à leitura**

Liam Zheng Li e Vinicius
Rodrigues da Silva

Colégio João Paulo II, Braga
(categoria fotografia)

Sonho

Luís Trindade e Santiago Ferro

CED D, Maria Pia, Casa Pia
de Lisboa, Lisboa
(categoria desenho/colagens)



Zahra já calçava as botas quando a mãe adentra pelo seu quarto. O cheiro era insuportável, mas as suas narinas já estavam habituadas.

– Hoje não vais há escola, os talibãs proibiram.

Vejo Amina, Mariam e Sabira saírem para virem ter comigo. Como irmã mais velha adoraria ensiná-las a ler e a escrever, saber pelo menos que elas terão oportunidade...

– Por quanto tempo? – sinto os meus olhos marejados.

– Não sei, filha... – A minha mãe sai e as minhas irmãs abandonam o meu quarto.

A pequena Sabira corre até mim e abraça-me pela cintura fazendo-me chorar. Ouço a mãe a chamá-las e abaixo-me sobre a minha cama. Escondo desde que aprendi a ler o meu primeiro livro, um volume proibido que conta histórias de mulheres livres de outros países.

Sonho desde pequena em ser médica. A minha mãe já me disse para desistir e nunca mais tocar no assunto, mas não consigo afastar a possibilidade da minha mente.

Não me posso permitir perder a esperança.

Vou até à cozinha e, sem ser vista, pego uma das tesouras de costureira da minha mãe. Corto o meu cabelo. O mais curto possível! Avisto uns calções do meu pai e visto-os com uma camisola que ele tinha perdida no seu enorme roupeiro.

Saio de casa enquanto a minha mãe alimenta as minhas irmãs e dá-lhes lições de como se podem tornar boas donas de casa. Eu, por outro, lado já tenho um futuro reservado para mim mesma.

Foi incrível sair sem quase desmaiar de tanto calor. Já tinha apagado o meu nome dos cadernos que levava para a escola e inventei um nome de rapaz: Ahmad.

O caminho para a escola era cansativo, mas a sensação do vento a bater-me no rosto era um alívio que não me era permitido ter todos os dias.

Sentei-me no meu lugar habitual e reparei com um grande aperto no coração, que não havia mais nenhuma menina sentada nos outros lugares.

O professor fazia questões e eu respondia a todas com muito prazer. Os outros alunos, pelo contrário, não respeitavam o que estava a ser dito e só sabiam conversar. Vejo dois vultos a vir na minha direção. Toda a sala se cala e olham para os dois talibãs a agarrarem-me pelos pulsos.

- Venha connosco, menina. Cometeu um crime grave e terá de ser punida. Debato-me, não tenho outra maneira de sair dali. Lágrimas vinham-me mais uma vez aos olhos e agora chorava descontroladamente. Todos os alunos da sala olhavam para mim como se não estivesse já estado ali o tempo todo.

Quando ela apareceu, tão decidida e forte, algo dentro de mim estremeceu.

– Qual é o teu nome, querida?

– Zahra.

Ela estende-me a mão e eu percebo nesse momento que a minha vida iria mudar, mas só se eu estivesse disposta a dar esse passo.

– Vem comigo, vais conhecer uma escola para meninas como tu. Não tens de te preocupar com a tua educação nestas pequenas escolas limitadas. Prometo-te que vamos tentar mudar o mundo e permitir que pessoas como nós consigam ter vidas importantes. Aceno-lhe e vejo como o professor olha para mim com esperança no olhar.

Levo a senhora até a minha casa e ela explica-me que irei para uma escola mais longe, para meninas refugiadas do meu país. A minha mãe, eu e as minhas irmãs fugimos juntas. Não seria mais uma menina sem nome, sem voz. É a primeira vez na minha vida que realmente acredito que poderei ser alguém.

Além das Regras

Margarida de Albuquerque Lopes

Agrupamento de Escolas Frei
Gonçalo Azevedo, EB 1, Lisboa
(categoria escrita criativa)



Igualdade perante a lei

Manuel Machado de
Vasconcelos e Ricardo
Lourenço Afonseca

Colégio João Paulo II, Braga
(categoria fotografia)

Artigo n.º 2: não discriminar

Alexandre Afonseca
e Miguel Oliveira

Colégio João Paulo II, Braga
(categoria fotografia/desenho)



Eu Quero Voar

Carolina Santana Toste

EB e Integrada Francisco
Ferreira Drummond, Açores
(categoria desenho)

***Todos têm direito
à educação***

Santiago Teixeira Leiras

Colégio João Paulo II, Braga
(categoria fotografia)





Direito à diversão

Maria Carvalho Pereira

Colégio João Paulo II, Braga
(categoria desenho)



Eu quero ir para a Escola

Bianca Gouveia de Meneses

EB e Integrada Francisco
Ferreira Drummond, Açores
(categoria desenho)



Somos todos iguais

Leonor Silveira Castro Toste
e Luana Gonçalves Machado

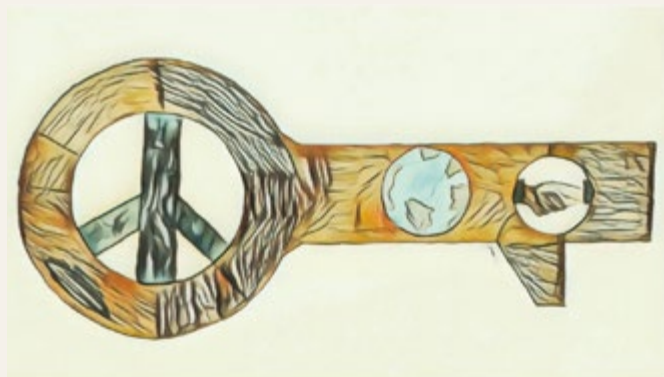
EB e Integrada Francisco
Ferreira Drummond, Açores
(categoria desenho)



IGUALDADE

Lorena Rosa dos Santos
Biazon e Mara Melo Toste

EB e Integrada Francisco
Ferreira Drummond, Açores
(categoria desenho)



A Chave para o Futuro

João Amaro Cardoso da Rocha

EB e Integrada Francisco
Ferreira Drummond, Açores
(categoria desenho)

***Os Direitos estão
nas Nossas Mãos***

Maria Azevedo de Oliveira

EB e Integrada Francisco
Ferreira Drummond, Açores
(categoria desenho)



***Convenção sobre
os Direitos da Criança***

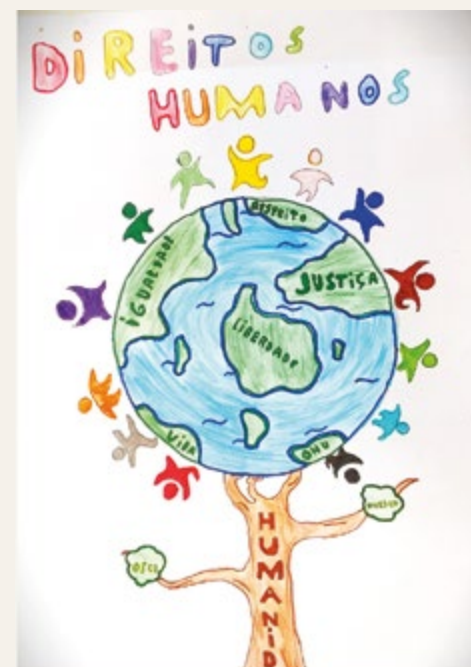
Daessy Machado Ferreira
e Matilde Silva Pereira

EB e Integrada Francisco
Ferreira Drummond, Açores
(categoria desenho)

Direitos Humanos

Tiago Miguel Leal Toste

EB e Integrada Francisco
Ferreira Drummond, Açores
(categoria desenho)





O futuro começa hoje

Cíntia Patrício L. Bernardo
e Matilde Alexandra P. Martins

EB e Integrada Francisco
Ferreira Drummond, Açores
(categoria desenho)

A luta pela igualdade

Edmar Tavares

CED D, Maria Pia,
Casa Pia de Lisboa, Lisboa
(categoria desenho)



Culturas, Religiões e Direitos. Agora!

Catarina Gaspar
e Diogo Monteiro

CED D, Maria Pia,
Casa Pia de Lisboa, Lisboa
(categoria escultura)



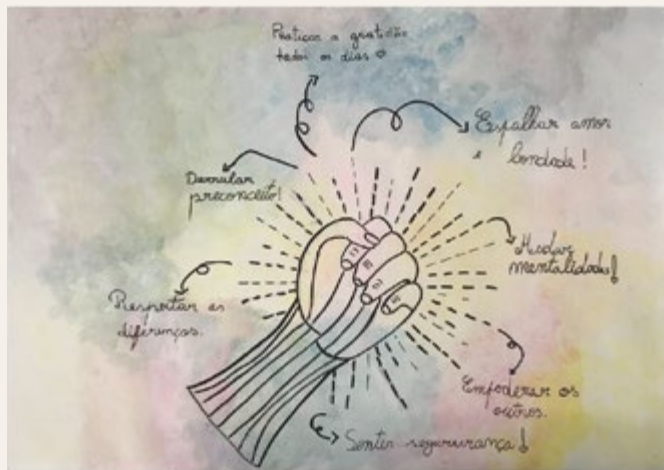
A casa de todos

David Vicente

CED D, Maria Pia,
Casa Pia de Lisboa, Lisboa
(categoria desenho)







Os direitos na mão

Iris Mel; Luisa Djaló; Rebeca Simões

CED D, Maria Pia,
Casa Pia de Lisboa, Lisboa
(categoria desenho/pintura)

O futuro dos direitos é agora?

Mihai Ostayuc

CED D, Maria Pia,
Casa Pia de Lisboa, Lisboa
(categoria desenho/pintura)



A paz do mundo

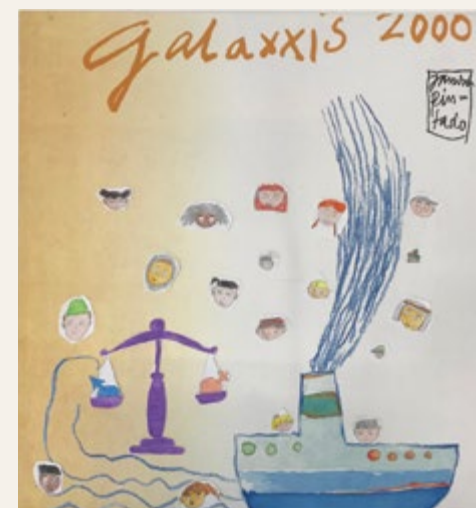
Maria Simões

CED D, Maria Pia,
Casa Pia de Lisboa, Lisboa
(instalação)

A balança da igualdade

Tomás Silva

CED D, Maria Pia,
Casa Pia de Lisboa, Lisboa
(categoria desenho/colagens)





Direito à cidadania

Rafael

EB Aristides de Sousa Mendes,
Viseu
(categoria desenho/pintura)



Direito à liberdade de expressão

Rafaela

EB Aristides de Sousa Mendes,
Viseu
(categoria desenho/pintura)

Direito à diversão não é favor, é Lei.
Este concurso eu ganharei
Com este poema eu ultrapassarei
Qualquer pessoa que se ache o rei.

Direito à diversão para mim é dos melhores
Principalmente para trabalhos de menores
Pois a diversão é um ato de brincadeira
Não se deve fazer na sala de aula, na cadeira.

Eu escolhi este artigo
Pois devemos ter diversão
No recreio, no desporto...
Ou até mesmo com o irmão

A diversão é o sal da vida
Que não faz mal à saúde pois só a torna colorida
Faz tornar qualquer pessoa agradecida
E transforma o nosso dia a dia em rotina divertida.

Eu não sou uma IA, eu sou um Humano
Divirto-me de muitas formas, por exemplo: tocar piano
Gosto de um bom som! É hora de desfrutar
Com este poema tenho tudo para ganhar!

O Direito à Diversão

Lourenço Sargaço Leitão

Colégio João Paulo II, Braga
(categoria escrita criativa)



***Respeito e orgulho
pela Humanidade***

Maria Beatriz Simões Peixoto
Carpinteiro

Agrupamento de Escolas Frei
Gonçalo Azevedo EB 1, Lisboa
(categoria desenho)

A Força dos Direitos

Samuel Esquível

Escola Europeia de Ensino
Profissional, Braga
(categoria desenho)



We have a dream

Luiz Fernando Vieira Dantas

Agrupamento de Escolas Frei
Gonçalo Azevedo EB 1, Lisboa
(categoria desenho)

Direito à Educação

Bruna

EB Aristides de Sousa Mendes,
Viseu
(categoria desenho/pintura)



Acordo. Bocejo um pouco, espreguiço-me e sigo para a casa de banho. Lavo a cara e vou para a cozinha. Lá estava o meu pai a comer um pão com chouriço gigantesco, a olhar para a televisão. Não estava a prestar atenção, mas lembro-me de ouvir... qualquer coisa, qualquer coisa, direitos humanos. Não sei o que significa, por isso, não liguei nenhuma. Preparei o pequeno-almoço, e devorei-o rapidamente, ficando com a boca cheia de restos de comida. Era uma terça-feira vulgar de escola, já era tudo uma rotina. Depois, lavei os dentes, troquei de roupa e peguei na minha mochila. Já estava quase a fechar a porta, quando ouvi a minha mãe e a minha irmã mais velha a discutir na casa de banho. Ainda tinha muito tempo, por isso decidi aproximar-me e ouvir tudo o que estavam a dizer.

– Eu tenho direito a escovar o meu lindo cabelo assim!!! – exclamou a minha irmã.

Comecei a correr e fechei a porta de casa. Mal cheguei à rua, descontrolei-me, atirei-me ao chão e desatei a rir como se estivesse maluco durante vários minutos. Uma discussão só por causa de escovar cabelo. Esta era boa! Típico da minha irmã. Mas recordei-me das suas palavras: “Eu tenho direito...”. Mais uma vez, não percebi o que é que “direito” queria dizer. Talvez estivesse a tentar dizer direita (do tipo “esquerda, direita”), mas assim a frase não faria sentido. Levantei-me e pus-me a caminho.

Já na escola, fui ao cacifo e regressiei à fila para entrar na sala de aula. A primeira aula do dia era Matemática. A professora estava a entregar testes. Tive 100%, como de costume. Na aula seguinte, tivemos Educação Física. Estatelei-me no chão depois de ser obrigado a correr 100 km em cinco minutos.

Não sei se sabes, mas para isso é preciso correr constantemente a 1200 km/h (por isto é que eu tirei 100% a Matemática)! Tive pena de um colega meu, que não tinha conseguido aguentar os 100 km. Ouvi-o gritar:

– Não tem direito de nos tratar assim!

Lá estava novamente esta coisa dos direitos. Já era a terceira vez hoje. Voltei a ignorar o assunto e corri para o refeitório depois de uma bela banhoca. Ouvi alguém dizer:

- Não tens direito de passar à frente na fila!

Novamente. Uau, isto podia ser mesmo irritante. Finalmente, sentei-me numa mesa sozinho e vomitei tudo o que tinha para vomitar por cima da batata cozida com peixe. Assim, podia dizer que estava enjoado e escapar à tortura de comer aquela mistela. A funcionária do refeitório disse-me:

– Tens direito a dizer que vomitaste. Não precisas de comer isso.

Fui pôr o tabuleiro da comida no sítio certo e saí da cantina da escola. No recreio, ouvi um auxiliar a repreender um rapaz minorca, dizendo:

– Não tens direito a usar o telemóvel dentro do recinto escolar!

Direitos aqui, direitos ali, direitos em todo o lado. Mas afinal o que é que isto queria dizer?! Ignorei a situação pela milésima vez hoje, enquanto ouvia a campanha a tocar e toda a gente a empurrar-se para entrar no edifício.

A aula da tarde era Cidadania e Desenvolvimento. Quando a professora chegou à sala e todos nos sentámos nos respetivos lugares, abri as lições: “Lição 57; dia 10/12/2024” e olhei para o quadro. Nesse momento, a professora começou a falar incansavelmente sobre os direitos humanos. A maior parte da turma parecia estar com a cabeça na Lua, focados apenas em descobrir quem é que conseguia mascar pastilha elástica mais alto.

Mas eu estava atento, porque queria descobrir finalmente o que é que era esta coisa dos direitos. Ao que parece, um direito é algo que temos desde que nascemos, e que deve ser sempre respeitado, e também temos de respeitar os direitos dos outros. É algo que podemos ter ou fazer, por exemplo, a liberdade, a educação, o respeito, a votação e a alimentação. Mas comecei a estranhar: eu não tinha todos os direitos.

Por exemplo, eu ainda não tinha direito a votar! Mas à medida que a professora ia falando, percebi que as crianças tinham direitos super especiais. Tínhamos direito a educação, ou seja, a ir à escola, e os adultos não tinham. Afinal, os adultos não eram assim tão especiais!

De repente, a campanha tocou, e toda a turma entrou em alvoroço, mas a professora disse, com prazer:

– A campainha é para mim, não é para vocês!

Que seca! Detesto quando um professor diz isso. Deu-nos uns papéis esquisitos com informações sobre os direitos humanos. De seguida, deixou-nos sair.

Voltei para casa a pé.

Quando cheguei a casa, atirei a mochila pelo corredor e saltei para cima do sofá da sala de estar, à procura do comando da televisão. Quando a liguei, estava a dar notícias. Inicialmente, eu queria ver o meu programa favorito de desenhos animados, mas desta vez, deixei nas notícias, porque estava a falar sobre os direitos humanos. Enquanto ouvia o locutor a falar, percebi que hoje era o Dia Internacional dos Direitos Humanos. Fiquei impressionado, porque, para terem um dia internacional só para eles, então é porque os direitos deviam ser algo mesmo importante.

Depois, a imagem mudou para um senhor de ar importante de gabardine impecável, umas calças esquisitas e uns tamancos barulhentos nos pés, tal como um homem de negócios. Por baixo, apareceu uma legenda onde se lia: “Secretário-geral da ONU”. Não fazia ideia do que é que isso significava, mas não dei muita importância a esse assunto. A seguir, começou a discursar com uma voz tão monótona, que dois minutos depois, já estava a dormir profundamente como um bebé.

Acordo. Olho para a televisão e vejo: 17:07. Parece que fiquei uma hora a dormir, mas com a voz monótona do senhor de gabardine, podia muito bem ter ficado vários dias. Desligo-a e vou para a cozinha preparar o meu lanche: 1 kg de chocolates. Quando acabo, limpo a boca e vou para o meu quarto. No entanto, no corredor, vejo algo que me deixa chocado: é um pássaro! Não, não parece um pássaro... é... um avião! Espera lá. Os aviões não voam dentro das casas das pessoas. Estou mesmo a precisar de óculos. É... uma fada! Mas... as fadas não existem.

Observo bem e confirmo: é mesmo uma fada. Tenho de marcar uma consulta com o meu oftalmologista. Tinha asas esquisitas e um sorriso engraçado e assustador ao mesmo tempo. Era azul com pintinhas brancas e estava a segurar uma varinha de condão.

– AAAAAAAHHHHHHHHHHHHHHHHHHHH!!!!!! – grito eu.

Estou quase a desmaiar, quando ela me tenta acalmar.

– Não tens de ter medo – diz ela. Tinha uma voz doce. – Não estou aqui para te fazer mal.

–Quem és tu? – pergunto eu, já mais calmo.

– Eu sou a Fada dos Direitos Humanos, e estou aqui para ajudar a protegê-los.

– As fadas existem?

– Sim. No Mundo das Fadas Enfadonhas.

Fiquei estupefacto.

Os direitos humanos já deviam ser algo muito importante, porque se falou sobre isso na televisão. Mas agora, os meus olhos e ouvidos diziam-me que os direitos têm uma fada e tudo. Uau, isto é fixe.

– Então, são todas aborrecidas?

– A maior parte é. – respondeu ela. – Mas eu sou invulgarmente divertida.

– Afinal, porque é que estás aqui?

– Eu estou aqui para proteger os direitos das pessoas. Vou entregar-te uma missão importantíssima.

– A sério? -perguntei eu, desconfiado. – Em que é que consiste essa missão? E mais importante ainda: porquê eu?

– Porque és o único que te preocupas verdadeiramente com os direitos. Lembraste da aula de Cidadania? Os teus colegas só queriam saber de pastilha elástica. Mas tu estavas atento. E reparei num brilho de entusiasmo nos teus olhos. A partir desse momento, percebi que tu eras o escolhido.

– Como é que me viste?

– Transformei-me em mosca.

– Ah...! Então eras tu! Lembro-me que o António atirou uma pastilha, acertou-te e foste parar em cheio ao caixote do lixo!

– Eu sei. – respondeu ela. – Vou dizer à Fada dos Dentes para lhe dar pastilhas elásticas ultra picantes quando a vir.

Voltando ao assunto. A tua missão consiste em arranjar uma solução para que todas as leis sobre os direitos humanos sejam aplicadas em todos os países do mundo.

– Mas não há direitos em todo o mundo? - perguntei.

– Infelizmente, não.

Fiquei a pensar naquilo que a Fada dos Direitos Humanos tinha dito sobre os direitos em todo o mundo. Porque é que nem todas as pessoas tinham todos os direitos que deviam ter? Talvez os maléficos líderes mundiais não ligassem nenhuma às pessoas e só quisessem saber de negócios. Se calhar, aquele senhor da televisão, o tal secretário-geral da ONU, fosse assim. Mas antes que o meu cérebro enorme pudesse acabar de raciocinar o que tinha acabado de acontecer, a Fada disse:

– Boa sorte! Tu consegues! Adeus!

Quando ela acabou de dizer isto, tudo ficou escuro, e, uma fração de segundo depois, acordei. Tinha sido um sonho.

Estava a dormir desde que comecei a ouvir o senhor daquela coisa esquisita da ONU a falar. Sentei-me no sofá e olhei para a televisão. Já estava apagada para poupar energia. Olhei para o meu relógio de pulso e fiquei boquiaberto: eram 17:53. Tinham passado quase duas horas desde que tinha adormecido verdadeiramente. Subitamente, reparei num pequeno papel colado no sofá. Peguei nele e li-o. Estava escrito: “Olá! Sou eu, a Fada dos Direitos Humanos. Eu sou real, e tudo o que disse também é. Só para esclarecer as dúvidas. Vai lá salvar o mundo. Eu confio em ti. Tchau! PS.: Fica descansado, aquilo que eu disse acerca da pastilha elástica picante para o António também é verdade.”

Ok. Tinha sido um sonho, mas também tinha sido real. A maior parte das pessoas teria ficado aterrorizada, mas eu não sou a maior parte das pessoas, por isso, saltei do sofá e gritei:

– Brutal!!!

Mas depois comecei a ficar preocupado: como é que eu iria tratar da missão? A Fada disse que eu tinha de encontrar uma solução. A grande questão é: qual? Decidi que era algo que tinha de fazer a seu tempo, por isso, fui para o meu quarto fazer os trabalhos de casa. Iria pensar nisso amanhã.

Acordo. Era uma quarta-feira vulgar. Quando fui para a escola, não conseguia pensar noutra coisa senão na minha missão. Se calhar foi por isso que o teste de Português me correu mal. Quando cheguei a casa, atirei a mochila pelo corredor e fui lanchar: 1 kg de chocolates.

Depois, fechei-me no meu quarto e o meu cérebro gigante começou a pensar na solução para o problema dos direitos humanos. Quanto tempo é que passou? Uma hora? Duas? Um milhão? Já estava a deitar fumo pelas orelhas, quando, de repente, a lâmpada das ideias iluminou-se na minha cabeça. Já sei! Como é que eu não tinha pensado nisto antes? É claro que tinha de pedir uma coisinha emprestada à Fada dos Direitos Humanos, mas eu ia conseguir; era certinho! Aposto que estás a morrer de curiosidade para saber qual é a minha ideia, mas eu só a vou revelar mais tarde. Tudo o que posso dizeré que vou precisar da varinha de condão da Fada. Ainda tinha de esperar pela aula de Cidadania e Desenvolvimento da próxima semana, mas eu não tinha pressa absolutamente nenhuma.

Acordo. Estou cansado, porque esta noite não consegui pregar olho. Hoje é o grande dia: vou pedir a varinha de condão à Fada dos Direitos Humanos e explicar-lhe o meu brilhante plano.

Era uma terça-feira, uma semana depois de ser informado acerca da missão. A primeira aula era Matemática. Tive 100% num teste, novamente. Depois, tive Educação Física. Desta vez, não me estatelei no chão depois de correr a 1200 km/h. Depois de tomar uma bela banhoca para cuidar do meu lindo cabelo, fui para a fila do refeitório. Vomitei por cima da comida e fui para o recreio. Queria escrever a mensagem para a Fada num papel. Assim, ela era uma mosca que andava pela sala de aula a voar, pousava na folha com o plano, lia-o e emprestava-me a varinha de condão. Era simples!

Chegou a aula de Cidadania e Desenvolvimento. Pus o papel com as informações sobre o meu plano visível para qualquer mosca que passasse.

Nele estava escrito: “Querida Fada dos Direitos Humanos, já arranjei uma solução para que todas as pessoas do mundo tenham todos os direitos que devem ter. Preciso que venhas a minha casa para esclarecer umas dúvidas, mas o plano já está tratado. Até já! PS.: Traz a tua varinha de condão.”.

Achavas que eu te ia dizer o meu plano agora? Ah! Ainda não. Mas já não falta muito. Voltando à história. Era a última aula de Cidadania antes das férias de Natal, por isso a professora deixou-nos fazer aula livre. Dezenas de aviões de papel

voavam pelo ar, e só se ouvia o barulho de gente a mascar pastilha elástica muito alto. E se a mosca em que a Fada dos Direitos Humanos se tinha transformado não conseguisse chegar até mim por causa dos aviões de papel? De repente, reparei numa mosca que estava a vir na minha direção. Estava quase a alcançá-lo, mas foi interceptada por um avião. Depois, vi uma mosca de ar inteligente a andar pelo chão.

Os aviões tinham de cair ao chão, mas era muito menos arriscado do que voar com tanto tráfego aéreo. A mosca subiu pela perna da mesa, parou junto ao meu papel, observou-o e parece ter entendido tudo. De seguida, virou-se para mim. As moscas são muito pequenas, mas acho que a vi piscar o olho antes de sair, por isso tive a certeza que era a Fada. Muito bem. Uma parte já estava tratada, por isso decidi ler um bom livro que tinha dentro da mochila, enquanto vários aviões de papel chocavam uns com os outros à minha volta.

Nessa tarde, depois de comer 1 kg de chocolates para o lanche, em casa, vi algo azul a brilhar enquanto avançava na minha direção. A Fada dos Direitos Humanos chegou, e disse:

– Olá! Vamos lá ver qual é o teu plano.

Ótimo. Primeiro, preciso de esclarecer uma dúvida: o que é a ONU?

Tinha visto isso na televisão, e sabia que estava relacionado com os direitos humanos.

– A ONU, ou Organização das Nações Unidas, é uma organização a nível mundial que tem como objetivo definir a paz entre todos os países do mundo, depois da Segunda Guerra Mundial.

Fixe! Isto iria facilitar imenso o meu plano.

– O meu plano é o seguinte: com a tua varinha de condão, vou até ao líder da ONU e faço magia para que ele pressione os senhores presidentes dos países em que as pessoas não têm todos os direitos a dar-lhes esses direitos.

Vês? Estás satisfeito? Parece que já não estás a morrer de curiosidade por causa do meu plano.

Olhei para os olhos da Fada. O cérebro dela parecia estar prestes a explodir.

– Isso é absolutamente genial!!! - exclamou ela. - Como é que eu nunca tinha pensado nisso?!

De seguida, emprestou-me a sua varinha de condão e disse:

– Muito bem. Estás a fazer um excelente trabalho.

Depois disso, desapareceu em pó de fada. Observei a varinha. Estava a brilhar e parecia muito interessante. A parte irracional do meu cérebro implorava-me que usasse a varinha nalguma coisa, mas depois a parte racional disse que algo de mal podia acontecer, e eu dei-lhe ouvidos. Decidi que iria iniciara “Operação Não Tenho Paciência para Pensar num Bom Nome” no fim-de-semana. A seguir, fui para o meu quarto fazer os trabalhos de casa. Uma parte da operação já estava. Falta o resto.

Acordo. Hoje vai ser um dia gigantesco: vou até ao sítio onde mora o líder da ONU tratar dos assuntos que tu cá sabes.

Depois de pôr tudo o que precisava numa mochila, toquei com a varinha de condão na cabeça da minha mãe, do meu pai e da minha irmã. Imediatamente, todos caíram num sono profundo. A “Operação Não Tenho Paciência para Pensar num Bom Nome” estava em marcha. Depois de sair de casa, olhei para o relógio de pulso: 9:47. Tinha muito tempo: os meus pais só acordavam quando eu quisesse e não tinha escola para a semana, uma vez que estava de férias.

Hoje é dia 21/12/2024, e há luzes e decorações natalícias por toda a parte. Apanhei um autocarro até uma zona próxima de um aeroporto.

Entrei. Havia uma data de pessoas no terminal, porque agora é a época alta. Entrei sorrateiramente num avião prestes a descolar. Adivinha aonde é que eu fui. A Nova Iorque, é claro, onde fica a sede dessa tal ONU. Quando o avião aterrou, fingi ser neto de um casal idoso para os seguranças não desconfiarem.

Depois de sair do aeroporto, apanhei outro autocarro para perto da casa do líder da ONU. O meu inglês estava um pouco enferrujado, por isso tentei falar pouco. Quando estava perto da casa, já de noite, tirei um uniforme de uma empresa esquisita, como se fosse um senhor das entregas. Depois de o vestir, avancei para a porta da entrada e toquei à campainha. Atendeu um mordomo, que disse (em inglês):

– Olá. O que deseja?

Entendi o que ele disse, porque, ao contrário da maioria dos meus colegas, que passavam o tempo todo a mascar pastilha elástica, eu estive atento nas aulas de Inglês.

– Sou o senhor das entregas. – disse eu, em inglês, tentando desesperadamente soar mais velho do que realmente era.

Depois, os portões enormes abriram-se, e eu entrei. Demorei dez minutos a percorrer a distância entre o portão e a casa propriamente dita. A seguir, chegou um mordomo, que tinha um bigode engraçado, e pegou na caixa de cartão que eu trazia (a suposta encomenda).

– Boa noite. Tudo bem? – perguntou o mordomo.
 – Sim. Preciso que assine estes papéis. – respondi eu, estendendo uma folha de papel que rabisquei e uma caneta.
 – Ok. Está à vontade. É chato trabalhar à noite, não é? Os outros a dormirem sossegados e nós aqui a trabalhar. Se há coisa que me dá gozo é ficar quentinho na cama de manhã, enquanto os outros vão trabalhar.

Lá estava outro chato. Esta malta que trabalha à noite só quer conversa. Fiquei novamente sem paciência e toquei-lhe com a varinha de condão, para ficar a dormir.

Depois de sair daquela casa, apanhei um autocarro até ao aeroporto e apanhei secretamente um voo até casa. Depois de sair do aeroporto, apanhei outro autocarro para casa.
 Quando lá cheguei, já de noite, dei com o ressonar muito alto dos meus pais e da minha irmã. Toquei-lhes com a varinha de condão e eles acordaram, sem estranhar nada, e retomaram as suas vidas. Olhei para o relógio: 20:39.

Hoje era dia 22/12/2024. Parece que esta aventura durou dois dias. Depois de jantar, lavar os dentes e isso tudo, fui para a cama. “Missão cumprida!”, pensei eu. Depois, adormeci como um bebé. Já não dormia há dois dias!
 Acordo. Hoje é um dia muito especial: é Natal!!!! Os meus pais vieram a correr históricos para a sala, esperando desesperadamente que não tivessem recebido meias como presente de Natal.

Mas hoje é um dia ainda mais especial: está a dar algo muito importante na televisão.

Quando fui para a cozinha, vi nas notícias que o tal secretário- geral da ONU tinha feito pressão suficiente sobre os países em que as pessoas não tinham todos os direitos que deviam ter para que os maléficos presidentes desses países aceitassem dar esses direitos às pessoas.

Depois, a imagem mudou, reconheci-o e ele começou a fazer um discurso entediante de Natal. Fiz uma enorme festa dentro da minha cabeça. Eu tinha acabado de salvar o mundo! Isto era super fixe!

Depois, fui para a casa de banho lavar os dentes. Mas quando cheguei lá, vi alguém familiar. A Fada dos Direitos Humanos!

– Olá! – exclamou ela. – Parabéns! A tua missão vai salvar milhões de pessoas em todo o mundo! No Mundo das Fadas Enfadonhas, toda a gente está a bater palmas.
 Senti-me orgulhoso de mim mesmo. De seguida, lembrei-me que ainda tinha a varinha de condão no bolso. Tirei-a e estendi-lha.
 – Oh, obrigado. Estava a fazer-me falta.

Depois ela deu-me um abraço, despedi-me e ela despediu-se. A seguir, ela desapareceu em pó de fada.

Talvez tenha sido a última vez que a vi, ou talvez não. Depois, retomo as celebrações de Natal. E tudo tinha começado no estranho dia em que toda a gente começou a falar de direitos.

Acordo. Hoje é dia 10/12/2025, e faz um ano desde que a minha grande aventura começou. Depois da escola, voltei para casa a pé. Atirei a mochila pelo corredor e fui para a cozinha preparar o meu lanche: 1 kg de chocolates.

A seguir, fui para o corredor, mas o que vi deixou-me chocado. É um pássaro? É um avião? Desta vez, tinha óculos, por isso reconheci rapidamente que era... uma fada! Mas não era a Fada dos Direitos Humanos.

“O Futuro dos Direitos é Agora”

– Olá. Eu sou a Fada dos Direitos Animais, e sou prima da Fada dos Direitos Humanos -começou ela. – Ouvi falar do teu excelente desempenho com a missão do ano passado, e vou aproveitar o facto de hoje ser o Dia Internacional dos Direitos Animais. Tenho uma missão para ti.

Comecei a ver a minha vida inteira a andar para trás, e gritei:

– Outra vez, não!!!

Direitos – Uma aventura

Miguel Salvador Faria Duarte

Agrupamento de Escolas Frei
Gonçalo Azevedo, EB 1, Lisboa
(categoria escrita criativa)



C

(dos 16 aos 18 anos)

1.º lugar**Fios condutores da nossa vida**

Existem uns fios que são invisíveis, intocáveis, mas muito fortes. São como as raízes que estão escondidas debaixo do chão que pisamos, como uma brisa que passa por nós sem a sentirmos. Estes fios parecem insignificantes, porém são uma das únicas que coisas que impedem a Humanidade de escurrecer para o lado sombrio da vida. Estes fios chamam-se direitos humanos, mas são na verdade a ideia de dar valor à pessoa apenas por esta existir.

Quando te levantas de manhã e tens um teto por cima da tua cabeça, existe um direito a dizer-te "Bom dia". Quando vais à escola, mesmo sem vontade, e tens uma cadeira à tua espera, aparece outro direito, pois alguém um dia escreveu que todos têm o direito à educação. Quando expressas uma opinião, ou dizes algo inoportuno e ninguém te prende por isso, aparece outro direito, o da liberdade de expressão.

Mas como acontece com tudo o que é valioso, esquecemo-nos. Pois é algo que está sempre presente, como o ar que respiramos, como a luz que entra pela janela numa manhã de primavera. Só reparamos que existe quando desaparece; quando um corpo é empurrado porque a sua cor de pele é diferente; quando uma mulher é silenciada por expor a sua opinião; quando duas pessoas que se amam são forçadas pela sociedade que as rodeia a esconderem-se, porque ali o seu amor é crime. Quando ocorre esse corte brusco no tecido do nosso quotidiano, é que realmente entendemos o verdadeiro significado dos direitos humanos: São muros que nos protegem!

Os direitos humanos não vivem num discurso, num papel. Vivem nos gestos, na mão dada para ajudar o outro a erguer-se; vivem na palavra dita na hora certa. Vivem quando encaramos o outro como o nosso reflexo e não uma ameaça.

Ainda assim, muitos consideram os direitos humanos como algo desnecessário. Pessoas que não conhecem realidades diferentes das suas, realidades em que a única opção é agarrar uma mala e fugir numo ao desconhecido, com o objetivo de se proteger. Essas pessoas nunca tiveram o seu direito roubado, então não compreendem o que é viver sem ele.

O país que habitamos. Um país lindo e cheio de promessas. Mas ainda há crianças a serem esquecidas, bairros que são como jaulas, vozes que são caladas pela vergonha. Há ainda quem olhe de lado, quem não respeite o

próximo; quem confunda vingança com justiça. Esta situação demonstra que esta luta ainda não terminou, que ainda temos muito por que lutar, estamos apenas no meio desta incessante batalha.

Mas ainda há esperança para o nosso mundo. Está no abraço que não exige uma explicação; nos protestos; na escuta do próximo. Sempre que dizemos "isto não está certo!". Defender os direitos humanos é um ato de amor com nervos de ferro!

No fim, tudo se resume a isto: que mundo é que escolhemos com os fios invisíveis que nos rodeiam? Aquela onde cada um se esconde dentro da sua bolha? Ou aquela onde reconhecemos o próximo como igual mesmo que este seja tudo o que não somos?

Os direitos humanos não pedem por heróis. Pedem presença, pedem os olhos abertos e os ouvidos atentos. Pedem que nos lembremos que existem, mesmo que por um pequeno momento, e que existe beleza em proteger o que é de todos.

Fios condutores da nossa vida

Matilde Beatriz Pinto

ES Filipa de Vilhena, Porto
(categoria escrita criativa)

Existem uns fios que são invisíveis, intocáveis, mas muito fortes. São como as raízes que estão escondidas debaixo do chão que pisamos, como uma brisa que passa por nós sem a sentirmos. Estes fios parecem insignificantes, porém são uma das únicas que coisas que impedem a Humanidade de escorregar para o lado sombrio da vida. Estes fios chamam-se direitos humanos, mas são na verdade a ideia de dar valor à pessoa apenas por esta existir.

Quando te levantas de manhã e tens um teto por cima da tua cabeça, existe um direito a dizer-te “Bom dia”. Quando vais à escola, mesmo sem vontade, e tens uma cadeira à tua espera, aparece outro direito, pois alguém um dia escreveu que todos têm o direito à educação. Quando expressas uma opinião, ou dizes algo inoportuno e ninguém te prende por isso, aparece outro direito, o da liberdade de expressão.

Mas como acontece com tudo o que é valioso, esquecemo-nos. Pois é algo que está sempre presente, como o ar que respiramos, como a luz que entra pela janela numa manhã de primavera. Só reparamos que existe quando desaparece; quando um corpo é empurrado porque a sua cor de pele é diferente; quando uma mulher é silenciada por expor a sua opinião; quando duas pessoas que se amam são forçadas pela sociedade que as rodeia a esconderem-se, porque ali o seu amor é crime. Quando ocorre esse corte brusco no tecido do nosso quotidiano, é que realmente entendemos o verdadeiro significado dos direitos humanos: São muros que nos protegem!

Os direitos humanos não vivem num discurso, num papel. Vivem nos gestos, na mão dada para ajudar o outro a erguer-se; vivem na palavra dita na hora certa. Vivem quando encaramos o outro como o nosso reflexo e não uma ameaça.

Ainda assim, muitos consideram os direitos humanos como algo desnecessário. Pessoas que não conhecem realidades diferentes das suas, realidades em que a única opção é agarrar uma mala e fugir rumo ao desconhecido, com o objetivo de se proteger. Essas pessoas nunca tiveram o seu direito roubado, então não compreendem o que é viver sem ele.

O país que habitamos. Um país lindo e cheio de promessas. Mas ainda há crianças a serem esquecidas, bairros que são como jaulas, vozes que são caladas pela vergonha. Há ainda quem olhe de lado, quem não respeite o próximo; quem confunda vingança com justiça. Esta situação demonstra que esta luta ainda não terminou, que ainda temos muito por que lutar, estamos apenas no meio desta incessante batalha.

Mas ainda há esperança para o nosso mundo. Está no abraço que não exige uma explicação; nos protestos; na escuta do próximo. Sempre que dizemos “Isto não está certo”. Defender os direitos humanos é um ato de amor com nervos de ferro!

No fim, tudo se resume a isto: que mundo é que escolhemos com os fios invisíveis que nos rodeiam? Aquele onde cada um se esconde dentro da sua bolha? Ou aquele onde reconhecemos o próximo como igual mesmo que este seja tudo o que não somos?

Os direitos humanos não pedem por heróis. Pedem presença, pedem os olhos abertos e os ouvidos atentos. Pedem que nos lembremos que existem, mesmo que por um pequeno momento, e que existe beleza em proteger o que é de todos.

Matilde Beatriz Pinto



2.º lugar

A loucura da coragem

Inês Ramos Pinto

ES Filipa de Vilhena, Porto
(categoria pintura)

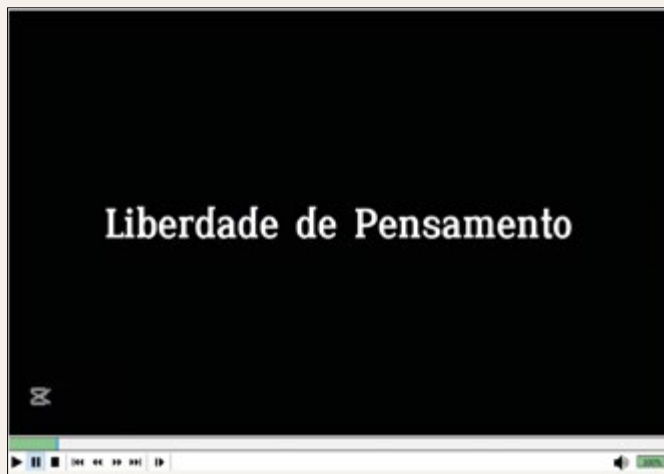


3.º lugar

O peso da (Des)humanidade

Daniela Aline Nsingi

Escola Europeia de Ensino Profissional, Braga
(categoria desenho)



A voz livre dos jovens

Sofia Bessa Pinto
e Maria João de Sá Botelho

Escola de Comércio do Porto,
Porto
(categoria vídeo)



O lazer também é importante

Diogo Henrique Vieira Leite
Martins

Escola de Comércio do Porto,
Porto
(categoria desenho/cartaz)



Onde arde o grito

Mariana Rebola dos Santos Martins

ES Luís de Freitas Branco, Lisboa
(categoria escultura/pintura)



A beleza está nos olhos de quem vê

Oleksandra Romenska

ES Luís de Freitas Branco, Lisboa
(categoria pintura)



A dignidade é de todos

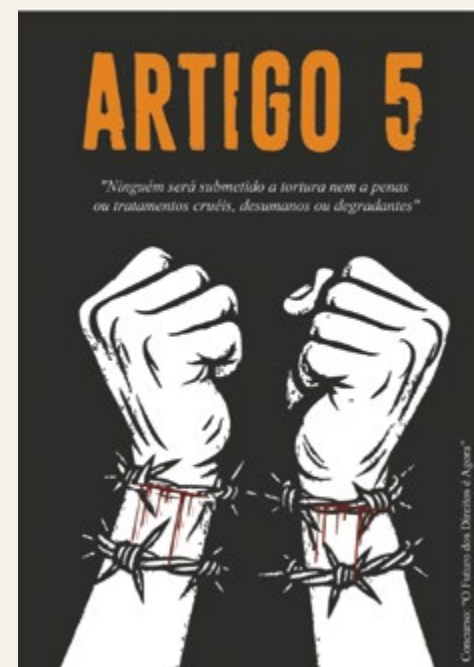
Leonardo Morais Barbosa;
Tiago Miguel Carneiro
Madureira; Rúben Daniel
Silva Faria

Escola de Comércio do Porto,
Porto
(categoria desenho/cartaz)

Nem dor, nem silêncio

Rúben Flávio Rodrigues Moura
e Daniel José Costa Neves

Escola de Comércio do Porto,
Porto
(categoria desenho/cartaz)



Sombras da revolta

Matheus Silva

ES Luís de Freitas Branco, Lisboa
(categoria pintura/escultura)

Artigo 3 em ação

Mafalda Teixeira Moura;
João Carlos Cardoso Leite;
Luana Alexandra Teixeira
Azevedo; Madalena Gonçalves
Coelho

Escola de Comércio do Porto,
Porto
(categoria desenho/cartaz)



Direitos Humanos, um tema tão falado ao longo dos anos, mas nunca falado o suficiente. O direito à igualdade de género, à educação, à liberdade de expressão, são alguns dos que ouvimos falar regularmente, mas desde quando é este tema alvo da preocupação das pessoas?

Christine de Pizan, poetisa e filósofa italiana do século XIV, criticou a misoginia no meio literário, que era predominantemente masculino. Malala Yousafzai, ativista paquistanesa nascida no século XX, tem lutado pelo acesso à educação na sua cidade natal, um local opressivo onde as jovens são impedidas de frequentar a escola. Estas duas datas abrangem mais de seis séculos e diversos direitos.

Quem luta por esta causa, sendo ou não reconhecido, está a fazê-lo num ato de justiça, pois, infelizmente, vivemos num mundo injusto onde há quem tenha de se preocupar com a sua educação ou com simples coisas que tomamos por garantidas. Estas ações são também feitas por solidariedade, porque quando lutamos por algo não o estamos a fazer apenas por nós, estamos a iniciar um caminho para que as gerações futuras consigam usufruir daquilo a que têm direito, mas nunca esquecendo que a luta é contínua. E, apesar de no momento, provavelmente, não nos apercebermos disso, estamos a lutar por algo maior que nós próprios. Estas pessoas que fizeram a diferença, no passado, são uma inspiração para quem há-de fazer a diferença agora. Os jovens de hoje têm de lutar pelos seus direitos, pelo que sabem estar errado no nosso planeta e por um mundo com maior tolerância.

Quem luta por esta causa, sendo ou não reconhecido, está a fazê-lo num ato de justiça, pois, infelizmente, vivemos num mundo injusto onde há quem tenha de se preocupar com a sua educação ou com simples coisas que tomamos por garantidas. Estas ações são também feitas por solidariedade, porque quando lutamos por algo não o estamos a fazer apenas por nós, estamos a iniciar um caminho para que as gerações futuras consigam usufruir daquilo a que têm direito, mas nunca esquecendo que a luta é contínua. E, apesar de no momento, provavelmente, não nos apercebermos disso, estamos a lutar por algo maior que nós próprios. Estas pessoas que fizeram a diferença, no passado, são uma inspiração para quem há-de fazer a diferença agora. Os jovens de hoje têm de lutar pelos seus direitos, pelo que sabem estar errado no nosso planeta e por um mundo com maior tolerância.

Ao refletir sobre este tema, percebemos que os direitos humanos devem estar ao alcance de todos, devem ser uma garantia para a sociedade e não apenas um sonho distante. Temos de continuar a lutar pela igualdade, tal como Christine de Pizan e muitos outros o fizeram há tantos anos.

Independentemente do local de origem, do género, da idade ou de qualquer outro fator que nos torna quem somos, apenas queremos todos ser tratados como iguais e, acima de tudo, merecemos todos ter direito à vida, a uma vida justa e sem medos.

Uma vida justa e sem medos

Marta Leonor Braz Morgado

Agrupamento de Escolas Frei
Gonçalo Azevedo, EB 1, Lisboa
(categoria escrita criativa)



***Um só mundo,
vários Direitos***

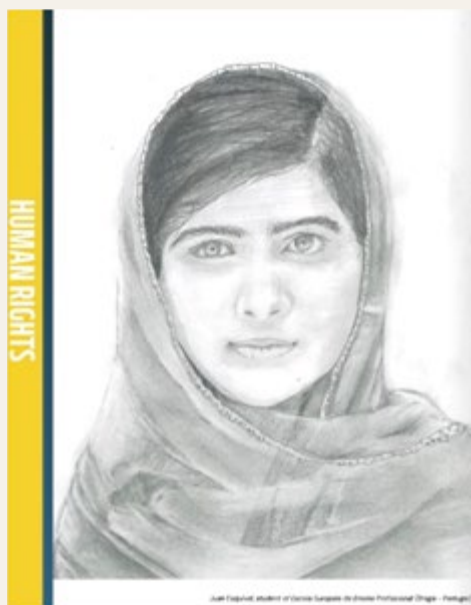
Pedrosa Mucandamavo

CED D, Maria Pia,
Casa Pia de Lisboa, Lisboa
(categoria desenho)

***Silêncio de mil vozes:
sem voz; sem paz***

Gabriela Guedes Faria
da Silva de Jesus

ES Filipa de Vilhena, Porto
(categoria desenho)



Educação é um Direito

Juan Diego Esquivel

Escola Europeia de Ensino
Profissional, Braga
(categoria desenho)

Edição Provedoria de Justiça

Design Sofia Semedo

Produção Nastintas

Revisão Provedoria de Justiça

ISBN 978-972-8879-14-3

Depósito legal 553786/25

Tiragem 150 exemplares

Data setembro 2025

